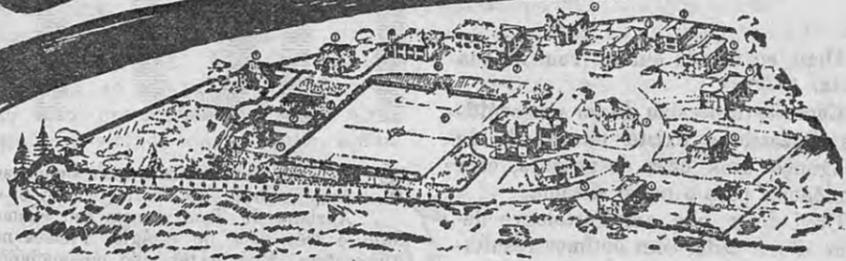




O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Galato do Porto—Paço de Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 6 28-Porto

Colónias de Campo

Trechos de uma carta

FOI em Agosto de 34 que tevelugar o primeiro *shoot* das *Colónias de Campo do Garoto da Baixa*, o berço onde nasceram as Casas do Gaiato. Nunca se viu no mundo obra mais pitorescamente caótica como foi aquêlo ano, com aquêlo grupo de rapazes, perto da Comarca de Arganil, num tremendo casarão de morcêgos. Só visto! A bola andou no ar pelos anos fora. De Arganil passou para Gois e d'ali para Miranda do Corvo, onde era jogada na própria Casa do Gaiato, em colónias que duravam os meses de verão, a bem do habitante do tugúrio. Há um livro à venda, *A Obra da Rua*, onde se contam histórias de pasmar. Compra.

A segunda edição está no prelo. Ali verás o que elas foram e aqui, hoje, o que elas são.

O ano passado foi o derradeiro em que pudemos realizar o serviço das *Colónias* anexo à Casa do Gaiato de Miranda. Este, pelo numero elevado de habitantes, não seria possível fazê-lo.

Mas os garotos de Coimbra, afeitos ao bem dos mais anos, não suportariam a privação dele. Urgia fazer colónias, fôsse onde fôsse.

A uns quatro quilómetros da Casa de Miranda, existe o santuário da Senhora da Piedade de Tábuas, nas faldas de um monte de rara situação. O sino da capela, derrubado pelo tempo, data da era das Conquistas. Quadros votivos, suspensos nas paredes revestidas de azulejo, dão testemunho de piedade. Os votos, da importância e numero deromeiros: — *uma junta de bois que oferece fulano*.

O actual desmazêlo, também é testemunho, sim, mas de acusação!

Junto da capela, levantam-se 3 grandes hospedarias, abrigo deromeiros de outros tempos.

—Sim, Padre Adriano. Se tu quizeres, também eu.

Querem, é um verbo terrível. A vontade é o homem. Mãos à obra. Como eu sou o da saca, fui bater às portas do Fundo de Desemprego, de onde trouxe vinte e cinco contos para obras de adaptação, que o mesmo é dizer, salvar da ruína total uma página formosa da nossa história. Padre Adriano, que é o das espigas, foi dar com uma de primeira grandeza, dentro das ditas hospedarias.

Uma família de perto, fôra ali

aninhar-se abusivamente há uns cinco anos, e não saía nem à mão de-deus-padre. Confraria, autoridades, ameaças — nada!

Que fez o meu colaborador, que é em tudo um anjinho de mansidão? Fiz uma coisa assombrosa. Pregou com uma acção de despejo na comarca da Lousã, e os *inquilinos* saíram! Ora aqui está.

Depois disto, quem há que se atreva ainda a afirmar, como é costume ouvir-se, que a obra acaba com o Padre Américo, por falta de continuadores—quem?

Temos as Colónias de Campo instaladas nas antigas hospedarias do Santuário. O sino derrubado, já se fez ouvir nas redondezas, a chamar pelos fieis. Vamos ressuscitar tradições.

O Padre Adriano, vai instalar um dinamo para dar de mão ao petroleo. O Engenheiro da Junta Autonoma das Estradas, foi respeitosa e fervorosamente solicitado, e eu nem por sombras acredito que Ele não mande concluir a meia duzia de metros de estrada, que vai de Pereira ao local. Os montes marcham à frente dos arrojados.

Seminaristas—teólogos da Guarda e de Coimbra, conduzem os garotos. São horas de apostolado. E' a Santa Madre Igreja a indireitar canas torcidas e a soprar o morrão que ainda fumeja.

Se nós não entramos nestes campos, por vontade e recta intenção, o mesmo é que deixa-os abertos aos falsos profetas. A crença, como as plantas, tem horas de se fazer. E' agora.

Seminarista-teólogo de todos os seminários, oferece, desde já, o sangue das tuas veias por um mundo melhor. *Duc in altum*.

O meu companheiro de quem se falaneeste fundo, é o responsável pela crónica *Obra da Rua*, que sai de vez em quando no *Correio de Coimbra*. Em uma daquelas crónicas, o meu jovem levita repara, ousadamente, no muito uso que fazemos da sacristia! Eu cá pasmei de o ouvir falar assim, e logo concluí ser aquela afirmação fruto de experiências vividas entre os Miseráveis. Sim. A chamada gente de má nota é, por natureza, a *nossa gente*. As creanças que saiem destas entulheiras, são a *nossa mocidade*. A nós a glória de os servir.

Podíamos mostrar cartas que pequenos de nossas casas escrevem

a suas mães e irmãs, lixo prostituído, a chama-las, por palavras suas, ao caminho do bem! Creanças de mãos erguidas, a implorar um sangue de perdão, que é o da Cruz!

Ontem veio o Padre Adriano para estes campos e já tem sido testemunha destas batalhas heróicas. Assim se fazem sacerdotes piedosos, compreensivos, valentes.

Põem acções de despejo, correm vendilhões do templo, suportam todos os riscos, medem pela raza grande e na hora da morte, recebem pela mesma medida.

P. S.—Depois desta já no prelo, recebi noticia do Engenheiro Director das Estradas a dizer que «se a satisfação da sua legitima aspiração coubesse na alçada dos Serviços que eu dirijo, teria gosto de ser prestavel a obra benemérita». E indica a Direcção dos Serviços Urbanos, em Coimbra, a quem logo me reportei.

Mais abaixo, a mesma carta continua: «você é cretor e não devedor do auxilio de todos os portugueses.» Sim senhor. Modestia falsa é imposturice. Aquela proposição é exacta. Senhor Engenheiro-Chefe dos Serviços Urbanos de Coimbra, que eu não conheço nem é preciso, de passagem para o Santuário a essas «fibras» das suas de Coimbra, derfançadas por falta de sol. Se tem filhos, tem um titulo para andar mais depressa. Se não tem, baste-lhe o amor da Pátria.

Noticia de exames

Os nossos *cronistas* de Paço-de-Sousa e de Miranda, já deram a noticia dos exames daquelas Comunidades. Agora, dou eu da do Porto.

Passaram para o 2.º ano do curso comercial o Julio mai-lo António, com boas notas.

Parabens aos estudiosos rapazes.

"O GAIATO", foi visado pela Comissão de Censura

Eu acho que ninguém terá coragem de rasgar «O Gaiato» de hoje, por amor desta carta.

E' de um estudante de Algueres. Se não choras com êle, não comprehendes. Lê.

"Não sei por que razão lhe escrevo! Eu sou rico. Quiz o bom Deus conceder-me esta graça. Não quiz que nisto me parecesse com essas flores da Rua, mas eu sou igual a eles noutra coisa — não tenho um lar! Tenho pai e tenho mãe. Não tenho "pai e mãe". Creia, padre, que eu não sei qual é a maior desgraça, se não ter pai nem mãe, ou ter os dois, mas só um de cada vez! Tenho pai que me ama e mãe também, mas não posso ser amado pelos dois ao mesmo tempo. Se, por um lado, não conheço privações, por outro lado eu sou pobre, tão pobre como êsses que você ama como filhos. Sou pobre da maior riqueza da vida; o calor de um lar! Sempre assim vivi, sempre desde que me entendo. Talvez por eu proprio me sentir desamparado, é que muito amo essa obra. Todos os 15 dias, compro a mensagem do amor pelos desamparados "O Gaiato". Peça a Deus, padre, que eu não venha a ser mais infeliz que os seus filhos e possa também ter um lar".

Estas regras diziam bem, encastoadas no calice de oiro da nossa aldeia, porquanto são, quais joias que teem vindo, uma declaração de amor à familia, que vem logo a seguir ao de Deus, na Ordem do Decálogo.

Por agora, meu caro filho, já que me chama padre, baste-lhe a deliciosa Dor que vive. Não se entregue a ela; cumpra, respeite, ame por ela e com ela; e assim se dignifica.

Ora olhe; dê-me a sua direcção, que lhe quero escrever. Ela vinha, com certeza, no envelope, mas eu lancei-o no cêsto dos papeis e o Alfredo do Porto, que é o meu creado e faz tudo num instante p'ra ganhar um chocolate, levou e queimou. Vivemos assim numa barafunda, do nascer ao pôr do sol.

Ora ande lá. Mande a rua e numero, que nome tenho eu.

SIM

NOTÍCIAS DIVERSAS

CRÓNICA
DA NOSSA
ALDEIA

POR
JOSÉ
EDUARDO

POBRES DE CRISTO

Continuamos a socorrer os nossos pobres.

O de S. Lourenço não está nada bom e qualquer dia morre. Continuam a ser os pobres mais necessitados. Andam-me sempre a pedir a cama mas eu não lho posso dar porque o Senhor que ma prometeu ainda não me mandou.

O de Bairros também há-de durar pouco porque já está muito velhinho, tanto que até já tem um bisneto com um ano e meio. A do Assento continua na mesma e continua também a pedir-me a roupa para os dois filhos e para ela. Já entrou para a Conferência outro pobre que mora também no Assento. Chama-se Sr.ª Glória. Já recebemos para os nossos pobres 100\$00 de uns visitantes e uma Senhora do Pôrto que vendeu todo o mês de Junho flores do seu quintal e juntou todo o rendimento num mealheiro e no fim deu-o ao Sr. P.º Américo que o partiu onde onde vinham 68\$00 escudos que o Sr. P.º Américo distribuiu pelos nossos 4 pobres coube 15\$00 esc. a cada um e ainda sobraram 8\$00.

III

Estamos agora no tempo dos exames e dos nossos fizeram exames do 1.º grau: o Amadeu (Elvas), o Alfredo (Gari), o Domingos (Avozinha), o José Francisco, (Vitela) e o Cardoso (Chegadinho), ficaram todos bem. Para o exame de 2.º grau estou eu preparado para o dia 24 que já passou mas como eu escrevo logo que saiu o jornal anterior não posso publicar o meu exame. Sou o N.º 143 do Concelho de Penafiel. No dia do meu exame há arroz doce à minha saúde e à dos que fizeram o exame de 1.º grau.

III

O Amadeu de Elvas pediu-me para eu pôr no jornal que fazia anos no dia 18 de Julho mas como já passou esse dia diz ele que não faz mal quem quizer dar alguma coisa tanto dá no dia 18 como em qualquer dia.

Pão dos Pobres

É um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nele se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Desde-se nas Librarias do País.

Agora, não. As nossas refeições estão tomando, até, no mandato do António um bocadinho de ar de funeral.

TREMENDA algazarra pelos corredores em fora, vem bater às portas do meu gabinete de trabalho que também é quarto de dormir e sala de visitas e recanto de muitas aflições. E cobra. Mas não é! Mas é. A' frente, vinham Pepe e Rio Tinto. Fomos nós que apanhamos. Era uma enguia. Dali, seguiu a mal' para a cozinha, pedir ao Constantino um manjar feito dela.

O nosso Tiroliro é hoje uma das pessoas mais conhecidas em Portugal e seus arredores. Os vendedores de O Gaiato, quando regressam trazem recado de inúmeros fregueses, a perguntar quando é que o Tiroliro vai vender. Não tem ido. Não irá. Falta-lhe lata. Ora muito bem. Como a pessoa interessa tanto os nossos amigos, também os factos da sua vida devem interessar. Aqui vai um.

Esteve aqui uma visita de Lordelo que naquele tempo lhe dava o almôço aos domingos. O rapaz naquele bairro, era conhecido pelo *Liaboa*. Era pedinte. Apanhava pontas. Frequentava os estribos dos eléctricos. Um dia, aparece para almoçar às 10 da noite! Contou: E' que a minha madrastra bate-me se eu chegar a casa com a saca vazia, e hoje ninguém me deu nada!

E' de justiça, meus senhores e minhas senhoras, proteger em primeiro lugar, os que se não podem defender. Aqui, Casa do Gaiato, reduto de justiça. Nela, encontrou a Mãe e livrou-se da madrastra (o nome lhe basta!)

O Zé Machado, que é nosso desde Dezembro, ainda não despiu nenhum dos hábitos da rua. E' o da camisola amarela, no refilar e no amor ao descaço. Ele tem estado no grupo dos da foicinha, onde o Gari é chefe, mas como este é muito pequeno, o Zé Machado faz pouco dele, estende-se na relva e manda-o bugiar!

Ontem à noite veio aqui ao meu quarto o Rio Tinto mai-lo Fernando, os chefes supremos, declarar que aquilo não podia continuar assim:—Mande o Zé Machado para o nosso grupo que a gente amansa-o! E lá anda ele, o ex-vádio de Viana do Castelo, a ser domesticado por outros que já o foram!

HOJE houve cá em casa enorme restolhada. Foi o caso que o Rio Tinto, às horas do ceia, formou a tropa e deu ordem de marcha para o refeitório. Nesta altura, o Inácio, refeiteiro chefe e nada péco, assoma a dizer que não.

—O caldo não está ainda nas malgas.
—Andassos mais depressa; deixa entrar.
—Não entra aqui ninguém.
—Mas isso é que entra.

Era tamanha a discussão, que um dos observadores houve de acudir! Lá estava a bicha dos oitenta pela cozinha fora, comandante na cauda e Inácio na cabeça, um a dizer que sim, outro que não. Entraram.

A! que triste notícia! apareceram duas ovelhas mortas no curral, esta manhá, as nossas melhores amigas!

VENHO agora mesmo da rouparia, onde tinha ido pedir ao roupeiro-chefe um bocadinho de sabão, e explicado de como nos hotéis, em Lisboa, a gente amarga os sabonetes, se não leva sabãozinho de casa, e tudo o mais que a tal respeito se me ofereceu explicar. Quando terminei, ouvi-se a conclusão do Alfredo ali presente: — O mundo está uma roubalheira!

FUI à Casa de Miranda buscar «homens» para colocar no Pôrto. Trouxe o Adriano de Tomar, com seu exame feito e três anos de estágio. Viemos na Automotora. Pudora ter sido no combóio, mas ali há mais janelas, mais vistas, mais coisas. Eu de irei ao escutar — *aquilo que é?* Informo, repito, comparo; gostaria de ter a palavra — brinquedo, só para que o pequenino homem a entendesse melhor. Só compreendem a loucura do amor, os que verdadeiramente amam! Ficaram mais dois homens em Miranda, à espera do exame. Brevemente irei por eles. Outra vez automotora. Outra vez *aquilo que é?*

Daquí se infere a alegria que nos viria do Pai Celeste, se nós, poeira, também *Lhe* preguntássemos — *aquilo que é?* Assim faziam os discípulos a Jesus. Diz-nos Mestre? Quem feliz seríamos se também assim fizéssemos: *Diz-nos Mestre!* Tanta coisa que Ele sabe! Tanta, que só Ele conhece! Tanta, que nos quero dizer! E tu vais às chiromantes perguntar o que aquilo é. Aquilo, — a tua vida!

Pois o pequenino Adriano, ficou na Camisaria Confiança.

FUI topar na casa de Miranda o Camilo da Póvoa do Varzim, que há perto de um ano saíra de Paço de Sousa, a convite de sua *extremosa* mãezinha. Andou por lá, e regressou à casa que primeiramente o recebera. Ele veio de Miranda para Paço de Sousa.

Ora acontece que o Camilo foi sempre, entre nós, um grande brigão. Deitou corpo e criou forças, durante a sua ausência, e esqueceu-se que a mesmíssima coisa se deu, com os que deixou na casa. Camilo, quando o vi, trazia arranhaduras no pescoço e coxetera. Que acontecera? Apanhou uma sova dos companheiros pela sua basófia de valentão. Andá agora como um cordeirinho. Assim é que eles se amansam!

O Bártolo tem guardado o leite, com os queixos deitados abaixo, de um barulho cá em casa. Os dois desordeiros foram cbamados à pedra. Pretenderam afirmar que fôra sem querer, mas não pegou. Um deles é herdeiro e vezeiro. Já lhe foi dito: *dente por dente*. Para grandes males, grandes remédios.

CHEGOU o Orlando. Vendeu-se a cama em casa dele, para as dividas que a mãe deixou. Um seu irmão contraiu a mesma doença e morreu no chão, por falta de leite! A seguir também daquêl mal que não perdoa, foi o pai. E o pequenino Orlando, agora sem ninguém, escapou, para nos contar estas mágoas e fazer-te chorar. Con-e na cozinha, no pé da senhora que o obriga a comer. Tem um ar triste e fúado.

A malta que não entende de tragédias, chama-lhe o *santinha de pau*. O santinha de pau, dá pelo nome, com um sorriso que é do céu. Ocupa as horas no refeitório, fazendo o que pode, como pode. Tenho muita confiança no sol, no leite, nos lençóis lavados, e no pequenino irmão que lhe morreu no chão, o qual, pela morte que teve, há-de ajudar-me agora a salvar este. Se o mundo elegante fôsse capaz de arrependimento muito tinha que bater no peito e reparar.

FOI o Constantino que fêz tudo; a senhora não lhe pôs a mão. Eis a notícia que me deu hoje um dos nossos pequenos serventes, ao colocar a sôpa na mesa. Como o cozinheiro chefe está doente, os companheiros querem dar ao segundo os créditos que lhe mereço.

DEMOS carta de vigilante de refeitório, ao António do Bairro. Só ele, não sei por que bulas, tem o condão de manter a ordem. Outros chefes, àquela hora e naquele lugar, sobravavam. Tem lá estado Periquito, Rio Tinto, Poeta, Jacinto e outros, com muito pouca eficiência. Alguns, chegaram, até, a apanhar pancada dos *subditos*, em pleno exercício das funções!

Digo eu a tudo quanto vem na sua carta.

Como teve ocasião de ler em o último *Gaiato*, já existe na cidade de Bragança uma casa de rapazes, com tendências para o nosso sistema.

Ouvi dizer que em Portalegre dearam a um asilo, com óptimos resultados, a feição das Casas do Gaiato. Hoje, pela sua carta, noto que também nessa terra, se levanta novo reducto. E assim vamos, meu bom colega e amigo, descobrindo novos mundos, por mares nunca dantes navegados, para que a nossa Pátria seja mais sublimada.

Comece por muito poucos rapazes. Três, cinco o máximo. Faça dêles fermento de levedar futuras massas. Sobre-lhes o brio. Respeite-lhes a personalidade. Não corte as asas a nenhum. Não dê os trabalhos domésticos a estranhos. O pequenino gosta de ser útil. *Ocupe-o*.

Conte com muitas dificuldades; tantas e tamanhas que a gente, sofrendo-as, nem as sabe explicar. Elas são necessárias. São o delicioso amargo da obra.

Nada de desalentos.

O rapaz não corresponde? E' malcreado, sujo, mentiroso, bulhento? Ame-o.

Não se habitue jámais a mandá-los embora aos tantos de idade. São filhos. Os rapazes da rua, meu jovem Padre, são os nossos filhos.

Nós temos, como sabe, o Lar dos ex-Pupilos dos Reformatórios, em Coimbra. Há dias, o Chico, quando soube que ficara livre da vida militar, disse: *Agora vou tratar de fazer o meu ninho*. Nunca esta sorte de rapazes necessita tanto do nosso carinho, como então.

Que os seus filhos, mais tarde, lhe confiem a mesma ternura. Mandar embora aos tantos de idade, — oh! que desgraça social.

A necessidade da religião, nas nossas casas, não se discute. Quem a não admite, errou, e está tudo dito.

Mas cautela, meu Padre. Seja práctico. Os rapazes da rua não suportam grandes tiradas. Dê-se-lhes o indispensável.

Respeitar muito a verdade, a justiça, o trabalho; fomentar o amor à honestidade, o amparo aos mais pequenitos, o cuidado nas doenças. A comidinha muito bem feita. As barrelas à moda dantes, com cinza e água a escaudar.

Os frutos suspensos, as espigas dos campos, o redil das ovelhas.

Mas isso é a religião natural, dirá o meu amigo? Não é. É uma disposição da alma, para receber e acreditar no Deus da Revelação.

Digo-lhe mais, meu jovem levita, sem o homem não pode haver o cristão. Esta é a minha opinião.

Adeus, que esta já vai longa. Muito estimo saber de uma Casa do Gaiato na diocese de Evora. Dê recados meus aos Alentejanos, e que doravante me deixem em paz. Já cá temos 8 rapazes da terra da bolota.

O Sporting

O senhor que nos envia o *Sporting*, um estuante obrigado. A revista vai logo para as mãos do Amadeu Elvas, que é o mais apaixonado do clube. Já cá tem havido sangue, meu senhor, por causa dos clubes da bola! Em regra, não se intervém. Cada um que se aguenta!

Um o nem tan rodas e quando esperam no giro sempre Bati 4 e que a C deu-me do Pôrto andou n mais a igualme comboio veu-se sorte, e pretend lares n falei no aparece mortas, pode ac movel s está lar Mais 10\$ e Bem precios ofertas pôsito u de flo mês de A ce êste di nossa respeit o meal que ali deposit bres, assim, a letr nos te Foi quand parece quenir sitio. do m terras felizes nessa O c nhora Lucia a peq desejo Assim depos pela Na actua Portu grar Bispc Só em o M "Que 1943 Gaia 1944 M Mais Mira pobr tumi M simp M sua cent men terr: nece inte: U dos Q hon

Do que nós necessitamos

Um carro ligeiro. Não importa estilo nem tamanho. Quere-se que tenha 4 rodas e que fuja a 80. Não sabemos quando nem como, mas alimentamos esperanças. O problema de transportes no giro da *Obra da Rua*, tem sido sempre resolvido com vagar e certeza. Bati 4 anos as ruas de Coimbra, antes que a Câmara me visse. Mas viu, e deu-me entrada nos eléctricos. A Carris do Pôrto, por ter vista mais apurada, andou mais depressa; mas não devo mais a esta do que àquela. Devo, igualmente, a ambas. O problema dos comboios, levou mais anos, mas resolveu-se com um passe. Da mesma sorte, a seu tempo, virá o que se pretende. Temendo eu que os particulares não queiram cobrir-se de glória, falei no assunto em Lisboa. A's vezes, aparecem pelas alfandegas mercadorias mortas, entre as quais muito bem pode acontecer que apareça um automovel sem fala. Vamos a vêr. O barro está lançado.

Mais, em *O Primeiro de Janeiro*, 10\$ e 500\$ e 100\$.

Bem haja quem se lembra de tão precioso veiculo, para fazer chegar as ofertas á nossa aldeia. Mais, no *Depósito* um mealheiro, *producto da venda de flores do meu quintal durante o mês de junho*.

A carta é de *Maria*. Ela indica que este dinheiro se destina aos pobres da nossa Conferência. Por fidelidade e respeito a tão alto pedido quebrou-se o mealheiro, e as mesmas moedas que que ali se encontravam, (69\$60) foram depositadas nas mãos dos nossos pobres, pelos pequeninos visitantes; e assim, houve sacramento! Eu conheço a letra desta *Maria*, pelo muito que nos tem oferecido.

Foi ela quem deu uns brincos de quando era pequenina e hoje, ao que parece, Mãe, quer continuar a ser pequenina! Mais oiro deixado no mesmo sitio. Mais um castão de bengala do do mesmo metal. Mais, de longes terras, outra vez oiro, com um muito felizes somos por ter um bocadinho nessa preciosa peça.

O cálice de prata já está feito. O de oiro, vai ser réplica. A Senhora que deu o anel de pedrarias ao Luciano, terá ocasião de ver, quando a peça fôr posta à vista, que o seu desejo foi religiosamente cumprido. Assim convinha, pela confiança que se depositou no ex-moinante das ruas, e pela fidelidade dêste.

Não sei se algum dos Bispos que actualmente governam as dioceses de Portugal, teve jamais ocasião de sagrar uma peça assim. Vai tê-la o Bispo da nobre e leal cidade do Pôrto.

Só o amor é capaz de transformar em oiro de lei, o entulho das ruas!

Mais 2.080\$ que a Comissão da «Queima das Fitas» de Colmbra de 1943/44 quis oferecer á Casa do Gaiato. Tem a palavra a Comissão de 1944/45.

Mais no comboio 20\$ e mais 50\$. Mais em Coimbra 50\$. Mais oiro em Miranda do Corvo. Mais 20\$ para os pobres da Conferência. Mais os costumados 50\$ do Pessoal da Vacuum.

Mais do Pôrto, de um grupo de simpatizantes da obra, 60\$.

Mais um cheque de 3 contos. Tem sua história; existe um cavalheiro no centro do País, muito amigo dos homens. É proprietário. Dá as suas terras de renda ao povo, segundo a necessidade das famílias, que não do interesse próprio. *Ajuda*.

Uma condição impõe aos afortunados arrendatários: Lares honestos.

Quere lares honestos e forma lares honestos.

Que fôrça moralisadora, a da justiça! A contrária, também é verdadeira.

A sua casa, segundo oigo, é repouso de artista de música, de pintura, da palavra. Os maiores nomes de Portugal, vão ali fazer séstas no verão.

É amicissimo do nosso jornal. Lê. Faz que outros leiam. Recebemos aqui e em Miranda preciosos donativos, fruto do seu zelo.

Este de 3 contos foi assim. Um jantar de amigos em Lisboa. Duas palavras sôbre a *Obra da Rua*... e três contos!

Mais 100\$ de uma promessa, mais 25\$ idem, de Coimbra, mais de Lisboa camisas e chocolate para o Mário, que fêz anos, mais de Torres Vedras uma caixa de coisas de lamber para o mesmo, pela mesma causa. Do Pôrto, idem um par de peúgas. Foi o Zé Eduardo que deu a notícia e tanto bastou para ser escutado!

Oh mundo escuta, atende, ama a Creança!

Mais 20\$ de O. de Azemeis, com a triste notícia que os dois perusinhos que estavam ali para o nosso natal, morreram afogados. De sorte que, a menos que outros poderes se levantem, passaremos com a lembrança do que foi o ano passado.

Mais mil escudos de um visitante, mais 100\$ idem, mais 20\$.

Mais 150\$ de um pai de família. Mais 50\$ do Estoril, mais 50\$ de visitantes e mais 40\$ do mesmo e mais 7\$00 também e mais 20\$ outra vez e 40\$ da mesma sorte, e 20\$ idem e quem dera mais visitantes.

Mais 20\$ por carta.

Mais no Depósito uma encomenda com sete cortes de chita para outras tantas cobertas. Que beleza! Nós temos em Paço de Sousa oitenta e cinco camas e no Pôrto, 25 ditas e em

Miranda 48 sem falar nas da cidade de Coimbra. Mais cortes, mais, no mesmo sitio, duas alianças de oiro e uma pequena joia. Não foi escutada por todos, ao que parece, a notícia de que não precisamos de mais oiro. Este, em virtude do empenho, ainda entra no calice, sim, mas agora, fechou. Mais um par de sapatos e chocolate. O Júlio, enfiou os sapatos todo contente, mas notou que não eram para êle! O chocolate marchou naquêle mesmo instante, no toma lá tu do costume. Mais 50\$. Mais 10\$ em sêlos.

Mais, em Lisboa, um cavalheiro quiz ajudar á Missa e no fim, ao desparamentar, deu-me uma garapuçada de notas! O costume é ser às avéssas, mas actualmente andam as coisas trocadas, até as estações.

No Pôrto, um senhor quiz saber se eu era o tal, e como lhe dissesse que sim, êle também disse—20\$00.

Um outro senhor, da porta da sua loja, chamou-me e deu 20\$00 — *grão a grão*... Um senhor deu-me uma bola, e 100\$. Uma bola é o presente mais nervoso que entra dentro das nossas portas. Entrei em um armazém de tecidos, a pedir pano de blusas, e deram-me uma peça de cotim cinzento e 100\$. Digo propositadamente a côr, para que a peça que me vais dar seja doutra; sabendo-se que o nosso horror à mesmice dos uniformes, é manifesto. A graça que tu achas aos nossos pequeninos vendedores está, justamente, na diversidade de traje com que se apresentam. Oferece-nos uma peça que dê blusas. Temos de cortar oitenta delas em Paço de Sousa e 25 no Pôrto e 40 em Miranda. São tantos os assinantes, que um retalho que viesse das terras onde êles moram, era a certeza de sacar as exclamações que

já se ouvem ao povo, quando os gaiatos passam: *«ai que tirone!»*

Mais, ainda na Invicta, quatro notas das maiores. Mais na Estação de S. Bento, uma nota de 100\$ e mais outra. Com sinais tão auspiciosos, cuidava eu que a viagem ia ser rendosa. Pois não senhor. Ninguém me viu e eu ia sempre a olhar...!

No Francfort, mais oiro. Com certeza foi ali colocado antes do aviso de que a medida do cálice está cheia. Aceito e agradeço, porém, terá outra aplicação.

O oiro mais precioso desta obra, é dizer ousadamente que não quero mais, uma vez que já estamos servidos! Mais no Pôrto 10\$00.

No regresso de Lisboa, desviei o curso da viagem e fui a Tomar pedir azeite, ao filho do Doutor Gualdim; ao António.

—Mande um tambor.

—De que medida?

—Sem medida!

Tenho ouvido a meama linguagem no Douro, em Trás-os-Montes na Beira: *mande latas*. O que nos empata é o emaranhado dos tempos. Oh! desolação, escutar o *venha amanhã pelas guias*, sem atenção aos quilómetros que é necessário percorrer, para de novo ir buscá-las! Só o muito amor de dar aos que precisam, é que nos leva a pedir e aceitar ofertas daquelas, com tamanhos sacrifícios.

A nossa missão é dar. Tudo quanto se encontra dentro das Casas do Gaiato, é para dar. Acusaram-me, de uma vez, de fazer comércio negro em Paço de Sousa! A infeliz denuncia, chegou ao Pôrto numa hora feliz. Estava presente alguém que ouviu lêr e disse—*eu põho as mãos no lume por fulano*. O cutelo ficou no ar. Indagaram. Não houve cutelada! Como poderia havê-la?! O nosso comércio é branco de neve. A nossa missão é dar naquela medida em que se recebe—*sem medida*.

A miséria das mãos fechadas ao nosso semelhante, é responsável por esta outra em que ora nos batemos. A abundância só há-de vir quando, em vez do congelar riquezas, houver o distribuir.

Naquela dita cidade de Tomar, disseram-me que o nosso «Gaiato» é o jornal mais importante do País! Espero que os colossos diários não leiam isto aqui.

Importante, não. Revolucionário, — sim.

Um Professor de ensino secundário, escreve de algures, confessando a sua gratidão ao *revolucionário e cristianissimo jornal*, que o levou a baptizar-se e a fazer a sua primeira comunhão no meio dos seus filhos. Sim; revolucionário — pacífico. Mais, ainda em Tomar, houve um cavalheiro que teve a habilidade de me dar uma nota de cem com tanta delicadeza que ninguém deu por ela, e estava gente ao pé.

Mais de Lisboa um pacote de «Faiscas»; logo foram para a enfermaria. Os nossos rapazes são amigos de ler. O Lisboa, agora empregado no Pôrto, da sua primeira quinzena retirou dinheiro para um *Diabrête*. Um outro dos nossos, compra o Stadium tôdas as semanas. O *Sporting* e a *Bola* são aqui devorados. Mais sêlos postais de uma criança de 11 anos.

ORNI TIDDI

PAGAS

WIIIIUUUU

Farmácia Confiança, Paredes, 20\$; Mário Ferreira da Costa, Paredes, 25\$; P.º Fernando Santos Diogo, 20\$; Francisco Guimarães, 20\$; Joaquim Alves Sallé, 24\$; — todos do Bombarral. — António Varela Pinto, (do n.º 24 ao 96) Pombal, 100\$; Manuel Verissimo, 30\$; J. Nunes de Almeida, 50\$; Francisco de Sousa, 50\$; Tenente António Tengarrinha Pires, 25\$; Hortênsia Barradas de Sousa, 25\$; Maria Henriqueta Louro Guerreiro, 25\$; Fernanda Ponte, (1 mês) 75\$; Sezinanda Coelho (1 mês) 5\$; Maria Manuela Barros (1 mês) 5\$; Cássia Boto Correia (1 mês) 5\$; Lucília Lamaix Lobato Inácio (1 mês) 5\$; Maria Antonieta Viegas Grazina, (1 mês) 5\$; João Mendes Correia, 100\$; Eng.º Higinio de Queirós e Melo, 100\$; — todos de Lisboa. — Jesuína Quintela Taborda, Monsanto, 25\$; António Gonçalves da Silva, Tomar, 120\$; Branca da Cunha Sotto-Mayor, Monção, 25\$; José Marques D. Carneiro, (meio ano) Monchique, 20\$; Uma assinante de Estarreja, 50\$; Rosa Restivo Ferreira, 20\$; Serafim da Silva Santos, 20\$; Vitorino Gomes da Silva, 40\$; Isaura Himig, 50\$; Maria Samagaio, 50\$; Agostinho Pinto Soares de Miranda, 60\$; — todos do Pôrto. — Orlando Alves de Oliveira, Senhora da Hora, 50\$; Maria da Glória Martins Pereira, Baltar, 25\$; Francisco de Matos, Mogofores, 20\$; Hermengarda Maria Cid Costa, Mirandela, 40\$; João Vicente da Silva, 50\$; Maria de Jesus Nascimento, 20\$; Marcelo dos Santos Guerra, 20\$; Alfredo Luís Ferreira, 20\$; Serafim Tavares Alves, 20\$; Aires Leitão, 20\$; António Fernandes Júnior, 20\$; Justina de Almeida Henriques, 20\$; Sílvio Simões Cerveira, 20\$; — todos de Aradía. — Rodrigo Ferreira, Oliveira do Bairro, 20\$; Arnaldo Tavares de Castro, Oliveira do Bairro, 20\$; António Soares Figueiredo, 50\$; Lino Carvalho Brandão, 100\$; Carlos Marques, 20\$; — todos de M. tozinhos. Maria Rita de Sousa C. Praça Cunha, Montemor-o-Novo, 100\$; Isabel Duarte Cabrita, Messines, 20\$; Maria Cristina Louro Morgenstein, Olivelas, 25\$; P.º Manuel Folgado Felgueiras, 25\$; Vasco Camilo Martins, Loulé, 20\$; João de Sousa Uva Cristina, 20\$; Nídia Pôrto, 20\$; Maria do Carmo Lopes da Cruz, 30\$; João Faisca Panasqueira, 20\$; Maria da Conceição Costa Carrusa, 20\$; — todos de S. Braz de Alportel. — Francisca Raposo Nunes, Moura, 20\$; Doentes da Casa de Saúde, Caramulo, 20\$; Dr. Alberto Rezende Martins, S. João da Madeira, 50\$; Rodrigo José Correia, S. João da Madeira, 20\$; Maria da Graça Afonso, Bragança, 150\$; António Ferreira dos Santos, Águas Santas, 20\$; Fernando Baptista Urbano, Sangalhos, 20\$; António Peixoto Júnior, (1 mês) 5\$; Maria da Conceição Freitas Araújo, 20\$; Maria Teresa Santos, 20\$; — todos de Braga. — Francisco Baptista Lalandia, Vila de Rei, 20\$; P.º Manuel Mendes Laranjeira, Vila de Rei, 50\$; Brites Coutinho, Espinho, 50\$; José Lemos, Sinfães, 30\$; Dr. António de Oliveira e Costa, Tábua, 20\$; Armando Nunes Rodrigues, Espadanal, 20\$; Isilda da Cunha Gama e Costa, Espadanal, 20\$; P.º Alexandre Soares Estêvão, S. Paio da Portela, 50\$; Maria de Sousa Martins, Guimarães, 100\$; Maria Amélia Chates de Azevedo Conceição, Pôrto de Mós, 20\$; Maria Teresa Pontes, Olhão, 20\$; Joaquim Godinho, Covilhã, 50\$; P.º José de Abreu Carneiro, (45-46) Guimarães, 50\$; Maria José Araújo Abreu, Famalicão, 20\$00.

NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA NOTÍCIAS

por João Carlos

No domingo tivemos um desafio de jôgo de bola com os gaiatos das Colónias. Da nossa linha era o Tónio a guarda-redes, o Sérgio, o Venâncio, o Velha, o Zé Maria, o Camilo e o Zé Carlos. O Sérgio era beque mas mesmo assim meteu quatro goales. O Velha meteu outros quatro, o Zé Maria dois e o Zé Carlos outros dois. Dêles também eram sete jogadores mas houve lá um bocado que eles jogaram com nove. O Sérgio fez um remate tam forte ao guarda-redes que ele caiu e teve de sair da baliza. Eles meteram-nos apenas três goales. O Camilo meteu dois mas foram invalidados. O Zé Mau vinha todo fanfarrão mas o Sérgio fê-lo andar muitas vezes à nora. Vencemos os gaiatos das colónias por 12 pontos a 3. Falta-nos um campo e uma bola; jogadores já nós temos. O Snr. Padre Américo diz que nos dá uma bola logo que a gente tenha um campo. E' preciso comprar terreno porque a quinta é pequena para a horta e milho que nós comemos.

///

O Caracol andou aqui há tempo muito amarelo, e que ninguém sabia o que era. A Senhora mandou-o ao médico. Ora que tinha sido? A Senhora mandou-o varrer a adega e ele de vez em quando ia à pipa refrescar a lingua. Depois começou a chorar a dizer que lhe estava a doer o estomago. Caiu três vezes; uma do muro abaixo, outra nas escadas e a outra na própria adega. Por isso lhe puzeram o nome de pinguinhas. Não há maneira de perder a mania de roubar.

///

Quando cá veio o Snr. Padre Américo levou de cá um rapaz para um emprego no Pôrto. Foi o Adriano que era o chefe das roupas e das camaras. Quando se foi embora ia com muita pena de nós. Dissemos-lhe adeus e ele também nos disse. Antes de se ir embora deu todo o dinheiro que tinha para a conferência da qual era confrade. Já veio outro rapaz para o lugar dêle.

///

O rapaz que veio é o Manuel do Lourical. Nos primeiros dias trabalhou no campo e na Senhora da Piedade na casa destinada aos rapazes das colónias. Agora anda fora a ganhar jorna. Anda a dar serventia aos pedreiros que andam a fazer o fôrno.

///

Os rapazes das colónias vieram no dia dez de Julho. As casas para onde eles foram estavam muito bonitas. O povo de lá até diz que parece um sanatório. Gostam muito de lá entram. No domingo vieram cá à nossa piscina tomar banho, quási todos sabiam nadar. Depois de comer uns vão para as lagôas brincar com barcos de carcoádua outros vão para a serra à lenha, às pinhas, outros vão guardar as ovelhas. A' noite acendem uma fogueira. A's onze horas os dirigentes fazem sinais com luzes para aqui pelo alfabeto morse, dizer como cerreu o dia. O povo dos lugares próximos é muito bom. No domingo foi lá um rancho de gente de Tábuas levar batatas, azeite,

Carta da Obra do Ardina

(LISBOA)

Gaiato e leitor amigo!
Desta feita vai um apêlo e uma explicação...

Vimos recebendo presentes, indicando «Casa do Gaiato» (ardina) Calçada da Glória 39-Lisboa.

O parêntesis leva-nos a aceitar para os ardinias a... entrada: faz-nos ver a confusão que para ai vai.

A «Obra do Ardina», com as suas «Casas do Ardina», nada tem que ver com a «Obra da Rua» e as suas «Casas do Gaiato», a não ser de amizade, muita amizade, graças Deus!

A orientação é diferente. Os dinheiros são... separados. A maneira de agir diversa. Só a finalidade é igual: Salvar garotos!

O que dás ao «Gaiato» é pois para o Gaiato e sua Obra. O que dás ao ardina, é só para o ardina e sua obra. Entendido? Esperamos que sim.

Também há quem julgue que, hoje em dia, a «Obra do Ardina» está florescente de... dinheiros...

Está florescente, na verdade, mas de espirito, de alma, de consolações e realidades... ardinias, nada mais. Pensamos alargar a «Obra do Ardina», abrir outra «casa» em Lisboa, bem como uma em Coimbra e outra no Pôrto.

Dinheiro? De 750\$00 mensais que tinhamos, estamos reduzidos apenas a 700\$00.

E as despesas vão num «crescendo afluivo»... Em Setembro-Outubro vamos organizar em dois turnos «Colónias de Férias das Casas do Ardina» na Parede.

Precizamos 16.000\$00. Fatos de banho, chapéus de palha, toalhas, 350 quilos de batata, 50 de bacalhau, 60 de arroz, 10 de farinha, 45 de massa, 50 de cebolas, 2 de alhos, 14 de banha, 5 de manteiga, 23 de tomates, 20 de chouriço, 30 de sal, 25 de sabão azul, 10 de sabão amarelo, 10 litros de vinagre, 10 de óleo, 30 de azeite, 100 de feijão, 50 de grão, 7 dúzias de ovos, fruta, leite, hortaliças.

Sabes de quem queira e possa dar-nos uma ajudinha?...

Esperamos noticias da tua generosidade e da tua compreensão... ardina, na Calçada da Glória, 39. A mais ardina, de todos.

MARIA LUÍSA.

feijão e fruta. Só batatas foram cinco sacos cheios.

///

O nosso padeiro continua a ser o Venâncio. Tem muito trabalho porque coze todos os dias duas fornadas de pão uma para as colónias e outra para a casa do Gaiato. E' ele que vai à lenha, coze e amassa o pão. Só tem um ajudante que é o caréquitá que o ajuda em qualquer coisa. Nos intervalos, enquanto o pão está no fôrno, brinca com o melro que ele tem. O melro é muito engraçadinho. O Venâncio tem muito cuidado com ele por causa dêle não morrer. O Venâncio ensinou-o a saltar-lhe para o pescoço. Por isso quando ele está ao pé do melro salta-lhe logo para o pescoço. A tôdas as refeições guarda um bocadinho de pão para dar ao melro.

O Senhor Padre Adriano já lhe prometeu um prêmio se ele cozer bem o pão. Era um relógio de prata mas ele não sabe ver as horas.

CRÓNICA DO PORTO

Nestes últimos dias vieram, o Lisboa e o Adriano.

O Lisboa foi trabalhar para a Litografia Nacional e o Adriano para a Camisaria Confiança. Já cá estão 7 rapazes empregados e os que tratam da limpeza da casa. Dentro em breve será fundada a nossa conferência de S. Vicente de Paulo.

Há dias o Torcato foi à mercearia aviar um recado da casa. Quando o merceeiro ia a tirar o trôco da caixa registadora para dar ao rapaz, ele julgou que o homem fazia dinheiro, e veio todo contente contar à senhora o que se tinha passado. O nosso quintal foi arrasado para podermos brincar e dar uns pontapés na bola. Dia 8 fomos convidados pela direcção dos Tarcisos para irmos ver uma representação do do grupo dramático daquela instituição. Tudo correu bem, e ficamos satisfeitos com a peça e muito agradecemos à U. dos Tarcisos do Pôrto.

Enviamos uma carta à Ex.^{ma} Direcção do Sporting C. de Portugal, a dar os nossos parabéns por ganharem a Taça de Portugal, fomos atendidos, e logo que a direcção a recebeu mandou-nos agradecer pela nossa atenção, e pela nossa simpatia que temos pelo grupo.

Recebemos esta quinzena um cesto de fruta e 10\$00 de um visitante.

Notícia aos senhores assinantes

EU não posso. Não devo dizer mal dos estimados assinantes de o conceituado Gaiato. Mas a verdade é que alguns são muito teimosinhos na maneira de endereçar os vales do correio. Temos gasto litros de tinta a dizer que é Cête, e apesar disso, chegam vales a pagar em Penafiel, em Paredes e no Pôrto. Ora aquela cidade, fica a 7 quilómetros; a vila de Paredes, a outros tantos e o Pôrto, não se fala. Mas há mais. Vales teem vindo a pagar em Paço de Sousa, e neste caso, tem a gente de preencher um papel o qual vai a Lisboa e volta e só depois é que se recebe. Ora assim não está nada certo. A palavra mais pequena é Cête. E' a que gasta menos tempo e menos tinta, e a que mais depressa nos atende. Porque não hão-de ir os assinantes, «todos os assinantes», a Cête?!

Ou ele é só escrever a declarar que sim senhor, gosto muito do seu jornal, que o espero com ânsia e coisas assim, e no resto, sou eu quem as amarga todas?! Ora vamos fazer «todos» alguma coisinha, meus senhores. Vamos lá!

NOTÍCIAS DO JORNAL NOTÍCIAS

Coincidiu com o Congresso do Apostolado da Oração. Os rapazes venderam no Palácio, mil e quinhentos exemplares e trouxeram perto de 500\$00 de acréscimos.

Só o Amadeu trouxe, à sua conta, 109\$00 e vendeu 250 números.

E' ele agora, sem favor, o da camisola amarela. O Oscar vem logo atrás e a seguir está o Rui.

O Amadeu apareceu cá em casa todo satisfeito, pelo que ouviu dizer no Palácio. *Olha como andam tirones.*

Sim, *tirones*, com coisas dos vossos filhos. Nós não poderíamos, nunca, adquiri-las tão boas com os próprios recursos de que dispomos. A beleza não vem da roupa; vem do amor com que a dás. Aqui é que é.

O Oscar, contou de como vendera jornais aos Senhores Bispos: *Não levei dinheiro*, disse:

—Oh rapaz, como foi isso?
—Eles queriam dar, mas eu não aceitei.

Quem dá a êstes farrapos de ontem, tão fidalgo discernir?!

Mais. O Amadeu disse:

—Eu cá fui ao Senhor Cardial.
—Quem te disse que era o Senhor Cardial?

—Estava no meio dos Bispos!
Outro raciocínio espontâneo, inteligente.

Isto já não é bruxolear; é arder. E' o lixo das ruas a dar luz ao mundo!

Foram também pela primeira vez êste ano às águas de S. Vicente. Comeram no Hotel, por cortezia dos donos: *Era uma mesa ao pé da cozinha,—coisas boas.*

Da vila de Paredes, isso nem se fala.

O Rui, não se farta de me seringar para eu pôr no jornal que um Senhor de Viana lhe pagou um café na Ateneia e que naquele dia tomara 4 *cafezes*.

De outro lado, ouço a noticia do Licínio a dizer que tanto *aborreceu* um senhor na rua Santa Catarina, que êste lhe dera 20\$00 e não quiz o jornal! Outros contam outras maravilhas. O Júlio diz que nunca aceita acréscimos; dá números do jornal aos que querem dar dinheiro a mais, e pede-lhes que façam propaganda da obra. Eu acho isto a medida das revoluções. Soberbo! Um dos vendedores, queixou-se-me de certos dos nossos, os quais se aninham na Ateneia e fazem ali grande praça — para lambar! Ora isto não está nada certo. Não zelam os interesses da casa. Não são amigos. Eu não quero lambareiros; quero trabalhadores.

A venda de *O Gaiato* é um número do programa dos nossos trabalhos.

O Zé Maria e a radiografia

O Zé Maria, o do braço partido, foi ao Pôrto buscar a radiografia, ao Dr. Pinto Leite. Agora, mostra a chapa a tôda a gente: *olha o retrato dos meus ossos!* Se eu pudesse descrever aqui o que ele fêz e disse, uma vez que atendeu ao telefone, que foi a primeira!... Tem sido aqui um delírio, com a novidade do aparelho. Tudo quer atender!